

A CRISE

O ministério de António Maria da Silva foi-se finalmente embora. De má vontade, fazendo todo o possível por agüentar-se no poder, mas lá se foi indo embora.

Estamos, pois, em presença de mais uma crise ministerial, uma das muitas crises que esta grande crise que é a república vem atravessando há perto de dezasseis anos.

Que solução virá a ter? Não sabemos. Limitamo-nos a observar o que nas fileiras políticas se vai passando. Da observação resulta verificar-se que todos os partidos querem governar e nenhum tem probabilidades de fazê-lo livremente.

António Maria está inutilizado; a esquerda democrática, que souvo ontem num extenso documento o Directorio do P. R. P., indicou a formação dum governo nacional presidido por uma alta individualidade; os nacionalistas querem governar os próprios, e há ainda os "bons" democráticos que querem governar com a dissolução do parlamento.

Nem mesmo num governo nacional chefiado por uma individualidade de grande prestigio podemos confiar, precisamente porque não há homens de excepçãol prestigio e de sobrehumana intelligencia com faculdades de desempenhar-se de tal missão. Seria necessário inventar uma segunda natureza.

Sim, a dificuldade, a grande dificuldade estaria em encontrar a criatura de prestigio, o republicano que merecesse confiança, o homem-deus capaz de conciliar todas as opiniões e de captar as sympathias do país desiludido.

Ora, como não há deuses (principalmente em politica só conhecemos demónios), a situação está insólvel. Os partidos burgueses à força de se degradarem, de se entregarem a luta mesquinha pelo peão, de semearem a intriga baixa, perderam as ideias, despiram-se de desinteresse, deixaram de ver as questões colectivas para apenas vislumbrarem os interesses de grupo. E sem isenção, sem ideal, sem desinteresse a questão politica continuará a ser insólvel dentro duma sociedade que impele os homens para a luta feroz pelo bem-estar individual, em detrimento do bem-estar colectivo.

É esse ambiente de desinteresse e impossivel numa sociedade capitalista, numa sociedade em que as "forças vivas", vigilantes, corrompem e influem nos partidos a seu bel-prazer.

As medidas radicais que poderiam até certo ponto salvar a república da lama em que se afundou assustam a burguesia. E os partidos habituaram-se a ideia de não dar um passo sem que o sorriso benévolo das "forças vivas" os acolha.

Esta crise ministerial é um dos mais eloquentes aspectos do gachis capitalista, da impossibilidade de uma democracia, sob o domínio do Capital, dar realiação aos princípios comensuráveis que já não satisfazem a grande massa nem resolvem os problemas mais instantes.

Um crime intolerável!

Operários presos e incomunicáveis há mais de 50 dias!

Ainda continuam presos, na situação de incomunicabilidade, os operários a que aqui nos temos referido. Alguns deles encontram-se enfermos, estando um, num estado bastante grave, tuberculoso.

A situação de incomunicabilidade em que eles se encontram, que não podia manter-se, como a lei determina, mais de 8 dias, já dura há 50.

Sofrendo a mesma arbitrariedade ainda se encontram, na esquadra de Santa Marta, Manuel Simões Miranda e José Abrantes Castanheira que, durante o seu cativeiro, várias vezes têm sido violentamente agredidos. A policia, que não consentiu que eles fossem tratados dos ferimentos que receberam, está usando duma trua muito estúpido e grosseiro para evitar que se conheçam as agressões que eles receberam. Com essa intenção molham as roupas dos presos e encovalham-nas mais a fim de lhes fazer desaparecer os vestígios do sangue.

Chega a provocar náuseas tanta estupidéz. Então depois de serem, há muito, publicamente conhecidas as agressões de que foram vítimas Manuel Simões Miranda e José Abrantes Castanheira é que a policia se esforça por as occultar?

A situação em que se encontram todos estes presos tem de acabar. Não há direito a manter incomunicáveis há mais de 50 dias operários de que seignora o delicto de questão accusados. E menos ainda há o direito de negar aos presos que se encontram doentes, a assistência medica e todos os cuidados que as suas enfermidades requerem.

Um empregado degenerado que pratica um acto repugnante

e um provedor e uns mesários que o conservam ao serviço e o gratificam!

(Do nosso enviado especial)

BEJA, 20. — O hospital desta cidade luta com grandes dificuldades: o auxilio do Estado não é de molde a dispensar o auxilio dos particulares e a burguesia local difficilmente sabe dissimular o seu feroz egoismo. A-pesar disso o hospital lá vai vivendo e nem todos os doentes vão parar à «presença de Deus», porque há certo cuidado com eles... O hospital não gosa na cidade de boa reputação: fala-se dele com certo desprezo, accusam a sua vida interna de costumes até certo ponto desmoralizadores. Em meios pequenos como o desta cidade remanços e silenciosas, as mais pequenas faltas se notam e no hospital não ignoram que não são tidos na melhor das contas, como tivemos occasião de observar na visita que lá fizemos.

A enfermeira do hospital—Rosa Maria Gonçalves—é uma rapariga de 16 anos, magra, franzina e gentil, que depois de nos acompanhar na visita às dependencias do hospital se prontificou, ao fim dalgumas hesitações, a referir-nos o caso que a Batalha já referiu sucintamente e que causou na opinião pública a mais detestável das impressões.

Foi na capela do hospital que Rosa Maria Gonçalves, com a aprovação da criada Maria Emilia, nos relatou o que passamos a reproduzir:

—Angélica Moedas, que veio para o hospital quasi no ultimo periodo da sua doença—uma tuberculose intestinal—depois de morrer, veio aqui para a capela num esquite a fim de que a família a velasse, como é de costume. Afinal, a família só appareceu às 22 horas, isto é, cinco horas depois dela falecer.

Houve um silencio que se resumiu numa hesitação e depois Rosa Maria prosseguiu: —Às 21 horas, descil, acompanhada de Maria Emilia, para ir velar Angélica Moedas. Estranhei ver fechada a capela e como vi que ela estava iluminada devido a uma fenda da porta, fui acometida dum certo receio. O mesmo aconteceu com a Maria Emilia. Ao fim de alguma hesitação, decidi-me e dei um empurrão à porta. Esta, que estava apenas encostada, cedeu facilmente, abriu-se... Entrei e deparou com o servente do hospital, o João Maria, a erguer-se precipitadamente do esquite. Aproximemo-me do esquite enquanto ele se afastava, de costas voltadas, na direcção do altar-mór.

Rosa Maria hesita novamente, ruboriza-se e, depois, numa brusca decisão: —A morte tinha as saias erguidas e as pernas afastadas... Após um momento de estupefacção compreendi tudo... De resto o João Maria com o seu feto semi-arrancado e a sua evidente ataralhada, forneceu-me logo a indicação precisa do acto repugnante que acabara de praticar.

—E depois?

—Nessa mesma noite participámos—eu e a criada Maria Emilia—o que tínhamos presenciado ao provedor e aos mesários.

A guerra de Marrocos

A neutralidade da zona de Tanger

MADRID, 20.—O problema da neutralidade e segurança da zona internacional de Tanger, foi discutido pela conferencia franco-espanhola, que chegou a uma solução satisfactoria para o contrabando e a neutralidade, bem como a repressão das manobras comunistas.

Segundo declarações feitas aos jornalistas por alguns delegados, o accordo concluido diz apenas respeito a França e a Espanha, e não levantará qualquer difficuldade.

MADRID, 21.—A conferencia franco-espanhola, assinou o accordo relativo à segurança da zona neutra e internacional de Tanger.

Medidas judiciais...

RABAT, 20.—As medidas franco-espanholas, para defender as populações indígenas fieis das incursões dos rifenhos, tornam impossivel aos rebeldes a propagação de falsas noticias, tendo por fim intimidá-las e levá-las à dissidência.

Um desmentido da França

PARIS, 21.—O ministério da guerra desmente categoricamente a noticia, publicada por alguns jornais estrangeiros, de que as tropas francesas em Marrocos tinham empregado granadas asfixiantes.

Os franceses noticiam sucessos seus

RABAT, 21.—Ao norte de Fez, as tropas francesas desembarcaram por completo as posições de Ain-aché e de Ain-matoufi.

Os regulares rifenhos, recuaram para o norte, deixando os dissidentes ocupando a primeira linha.

O grupo movel de Teroual, na noite de 17 e no dia 18, infligiu sérias perdas ao inimigo.

Também os rifenhos têm aviões

TANGER, 21.—Sabe-se que as tropas de Abd-el-Krim, dispõem de numerosas esquadrihas de aviões.

MINEIROS INGLESES

Os operários de transportes apoiá-los háo

LONDRES, 21.—A federação dos operários dos serviços de transporte declarou que apoiará o movimento de resistência dos mineiros contra as propostas patronais para uma diminuição de salários.

NO HOSPITAL DE BEJA

Eles, a principio, não quizeram acreditar, mas depois...

—Depois?

—Tiveram de convencer-se de que tinhamos falado verdade.

Minutos depois quando nos dispnhamos a retirar o fiscal do hospital chamou-nos para nos dizer que os dois mesários que ali se encontravam nos desejavam falar.

A conversação foi longa. Os mesários srs. Henrique Carreto e António Joaquim da Paz referiram-nos que durante algum tempo não acreditaram no gesto repugnante praticado por João Maria, a-pesar dum delles ter desconfiado d'ele, quando lhe pediu autorização para ir ao enterro da sua vítima. Porque consentiram no hospital um individuo capaz de delictos tão repugnantes como o que lora praticado?

Falando sempre, com fluência e desembaraço, os dois mesários alegaram que não eram delatores, razão que evidentemente não colhia, e argumentaram ainda com o descredito que adviria para o hospital na revelação do facto, o que se destrou com a facilidade desde que se considere que o seu encobrimento ou pelo menos o consentimento que ele continuasse ao serviço, é que o desacreditava—e profundamente. Um facto mais grave: os dois mesários declararam-nos que o consideravam tão bom empregado que o gratificaram, um mês depois, com a quantia de 50 escudos. A informação de que ele era um bom empregado—o que seria paradoxal num individuo duma vinca degenerescência—é desmentida, pois cada degenerescência é desmentida, e um delles doentes foram por ele agredidos e um delles sofreu esse tratamento selvagem quando já se encontrava agonizante.

A scena repugnante que descrevemos passou-se a 11 de Maio ultimo e João Maria continuou ao serviço sempre, e ainda por cima gratificado, até que a denuncia dum doente o conduziu à cadeia onde se encontra. Há, pois, que declarar—e fazemo-lo sem prazer—que os mesários do hospital e o seu provedor tinham encoberto o delicto e entendiam que era digno de estar ao serviço um individuo que procurou realizar o acto da vida com o cadáver duma tuberculosa—que morreu minada, com toda a ossatura desenhada pela pele amarellecida e transparente—sem se incomodar com o perigo a que os doentes ficaram expostos.

E não se diga que temos em vista fazer uma campanha contra o hospital. Quem a faz são os mesários e o provedor pelo seu procedimento que difficilmente pode deixar de ser considerado indecoroso.

Nota final: O mesário sr. António Joaquim da Paz é correspondente de vários jornais. E até hoje só a Batalha referiu o repugnante delicto praticado na capela sob os olhos parados e estupefactos duma qualquer Nossa Senhora, que tinha ao colo o cadáver de Cristo, livido e feio,—pintado duma maneira execravel. E até a própria Epoca se calou diante deste acto que nós consideramos aviltante para a vida e que ela consideraria enfaticamente «abominável sacrilegio»...

Os operários organizam-se

NA INDIA INGLESA

Acaba de ser fundada uma organização operária na India.

Até ao dia de hoje todos os movimentos operários foram guiados principalmente pelos intelectuais.

A burguesia indiana, que se encontra em conflito com o monopólio do capitalismo britânico, é a base do movimento nacionalista indiano.

O movimento, chamado movimento de «não-participação» («boycott» da burguesia indiana contra o capital inglês) ensinou as massas operárias a servirem-se da greve e do «boycott» como meios de acção.

Gandhi, que foi em tempos o chefe incontestável dum dos movimentos mais poderosos, capitulou perante o poderio do imperialismo britânico, e recusou qualquer forma de acção directa.

As únicas coisas que podem servir às massas indianas são: o «boycott» dos tecidos estrangeiros, a união dos indios com os mussulmanos, a abolição da embriaguez e outras reformas semelhantes.

A situação económica da classe operária indiana agrava-se dia a dia, os salários baixaram e as horas de trabalho aumentaram.

A concorrência terrivel do trabalho indio contra o trabalho inglês na metrópole é cada vez mais sensivel. Os salários dos operários ingleses baixam ao nível do salário dos «coolies» nas colónias, em virtude das ameaças permanentes de «chômage».

Foi por esta razão que os partidos operários ingleses se aliaram a certos chefes do nacionalismo indio.

O programa das massas operárias indianas consiste na abolição da propriedade rural, diminuição de impostos, dia de oito horas, legislação social, etc.

150.000 textéis ingleses desocupados

LONDRES, 21.—Aumenta a crise na industria das lãs, e estão já sem trabalho 150.000 operários.

Prevenção

O Sindicato dos Tanoeiros de Lisboa enviou-nos o seguinte comunicado:

A Direcção dos Sindicatos dos Tanoeiros de Lisboa previne todos os seus associados de que não devem ir trabalhar para o armazém da firma Viuva Vieira, a rua José Domingues, Barreiro, em virtude de naquele armazém só se embarcar vasilhame do norte.

Notas & Comentários

«Lá vêm os lobos!»...

Parce-nos que desta vez de nada servem ao sr. António Maria da Silva os seus trucs politicos demasiado conhecidos e por isso mesmo de nenhum efeito já. Este homem publico com as suas artimanhas faz-nos lembrar aquele pastor que costumava, para se divertir à custa dos outros pastores, gritar de quando em quando: «Lá vêm os lobos!» E quando os pobres pastores acudiam para salvar o rebanho do amigo das garras da alcateia faminta, quedavam desapaetados porque a alcateia não existia. Era brincadeira. Quando um dia os lobos atacaram, de facto, o rebanho, bem gritou o rapaz—mas ninguém lhe acudiu. Era brincadeira... E assim a brincar os pobres carneiros foram devorados...

António Maria tem abusado dos trucs. Mas parece-nos que desta vez de nada lhe valen as brincadeiras no Senado, nem mesmo esta revolução que veio mesmo a propósito. Ele e os carneiros do grupo nutrido que pastoreia correm o risco de ser devorados...

Casa de doidos...

A Batalha viveu, antes da suspensão de garantias, no humilhante, no arbitrário, no vexatório regime da censura. Verberámos aqui, várias vezes, essa medida que só era justificada pelo estado de sitio, porque para esta e para outras infâmias é que ela foi inventada. Agora, em plena suspensão de garantias, recebemos a comunicação de que a censura à imprensa acabou, deixando de pesar sobre o nosso jornal essa revoltante mordada.

Quando a constituição da república vigorou, os governos violam-na só para perseguir a nossa liberdade de opinião e de critica. Suspendeu-se as garantias e a policia avisou-nos de que essa liberdade fica restabelecida e—garantida! Conclusão inevitável: estamos lidando com doidos—com doidos maus...

A água e a retórica

A sessão parlamentar de ontem não teve interesse, pois este concentrou-se quasi completamente nos basilardos onde, se faziam vários acordos e maquinações.

Discutiu-se, com aparente gravidade, com fingida seriedade, um empréstimo de 60 contos para que Freamunde, srisonha povoação situada num planalto e cercada de pinhais, consiga vir a possuir água potável para o consumo dos seus habitantes. Discutiu-se, mas nada se resolveu.

Freamunde, desta vez, ainda não consegue a água potável de que carece. E para não se conceder o empréstimo de 60 contos, gastou-se uma quantia muito mais importante, uma quantia que matava a sede a muitas aldeias nas circunstâncias ligadas em que Freamunde se encontra.

Ainda o Serão de Arte Religiosa

Tendo assistido ao serão de sexta-feira na Universidade Popular constatei esta verdade amarga, inacreditável mesmo para mim: o desvio — talvez involuntário — do programa com que foi fundada há seis anos. Assisti animado pelo vivo interesse e pela muita simpatia que a obra educativa dessa instituição me inspira, interesse e simpatia de que nasci o meu artigo no *Diário da Tarde*, acerca dos objectivos louváveis que desde o seu inicio lhe têm servido de farol illuminador e acerca da proficuidade da acção desenvolvida. Assisti e na verdade lamento o que vi.

Fundou-se a U. P. P., integrada num corpo de doutrinas, uno e intangível, mantendo-se dentro dum campo rígido de inteireza e absoluta isenção politica e religiosa. Os serões de arte eram apenas e tão somente parágrafos do programa traçado em tão boa hora.

Mas obedeceu, porventura, a esse programa o serão de sexta-feira? Creio que não, pois o serão foi um sermão religioso pelo sr. António Arroio e não um serão de arte. A única nota de arte foi dada pelos números de canto e piano que—diga-se de passagem—suavizaram muito o desagrado intenso da arenga arroiana. O resto foi puro e simplesmente uma exaltação do dogma católico apostólico romano.

O tema «A religião e as artes» presta-se admiravelmente a lindíssimas dissertações com visível sabor artistico, sem nos inclinarmos por este ou aquele credo religioso, e não seria preciso metemo-nos pelas mesquitas árabes ou pelas cabanas politeístas. Bastaria determo-nos diante do espirito religioso cristão que criou as maravilhas românicas, góticas e outras da arquitectura, as da escultura, pintura e artes menores, mesmo exclusivamente dentro do catolicismo, já para não falarmos nas religiões protestante e ortodoxa.

Mas não. O sr. António Arroio pouca importância ligou à arte. Estivera de manhã a estudar a «ternura do Evangelho» e por isso se lembrou de escrever nos linguagens que leu à assistência esta verdade: há mais crentes que descrentes. Crentes em quê? Em Deus ou no diabo?

Afirmou que ia tratar do problema da religião na generalidade, relacionado com o de arte; mas esqueceu-se desta para só falar naquella, metendo-se adentro das portas do Vaticano. Falou, falou, falou das «virtudes» e «milagres» do catolicismo, deixando no olvido a religião slava, o protestantismo, o budismo, o fetichismo e tantas outras dignas do ar e da luz que usufrui a religião que tem representante nas margens do Tibre.

O sr. António Arroio apresentou-se como um arroio levando, na sua fraca e débil corrente, rezas (disse que as rezas são necessárias, porque à noite, quando olha para o céu, tem medo de que as estrelas caiam sobre ele), algum sangue que funde, histórias de fadas para crianças recém-nascidas, carneiros com chifres que doam meadas, tripas que fogem, Ave-Marias (notei a falta de referências a alguns Padre-Nossos), Virgens (com fama de tal), milagres, lendas, patarelhas, intrujices, etc.

Foi uma exposição feita com arte, mas

A Política de Moscovia

Efeitos da infiltração—Beja campo de manobras

Beja foi, no Alentejo, onde os moscovitários concentraram por assim dizer a sua acção. Não sendo uma cidade com industria desenvolvida, Beja é, entretanto, por muito gente, considerado o celeiro de trigo do país. Por esse facto tem uma população rural de relativa importância, a qual, pelas suas condições de trabalho, facilmente se relaciona com os rurais dos concelhos lemitrofos.

Existia em Beja, a-pesar de pouco industrial, uma União de Sindicatos que agrupava os sindicatos dos operários da Construção Civil, dos Rurais, dos Manufatureiros de Calçado, dos Metalúrgicos e havia ainda a Delegação ferroviária do Sul e Sueste, além do Núcleo da Juventude Sindicalista que com a União mantinham relações de cordel solidariedade.

Pois bastou que no seio daquela organização se introduzisse o virus moscovitário para que sobreviesse o seu desmantelamento.

Como se fez a infiltração? Por quem? Até que ponto? Não queremos personalisar. Constatamos apenas o facto.

Durante os primeiros anos de organização naquela cidade o movimento sindicalista empolgou a grande maioria do operariado local.

Todos os sindicatos tinham vida próspera e as suas manifestações colectivas impunham-se pelo espirito de solidariedade que as animava, podendo dizer-se que a homogeneidade de sentimentos era quasi absoluta.

Beja proletária prometia e a sua acção chegou mesmo a irradiar-se pelas freguesias circunvisinhas—tal era a vontade que havia de realizar trabalho proselitista.

Um sindicato havia cujos componentes, os manufatureiros de calçado, graças a uns restos da propaganda republicana «pré-historica», acompanhavam, em grande maioria, o partido democrático.

A breve trecho, porém, depois de alguma propaganda sindicalista-anarquista, até mesmo esse sindicato onefileirava ao lado dos restantes, vindo a ser mesmo dos mais aguerridos, por do seu seio ter sido bandido todo o virus politico.

Beja, proletária estava sempre unida e pronta a exercer a acção à primeira voz de alarme, não perdendo mesmo o sentido anti-clerical da luta, como se verificou com a entrada do novo bispo.

Mas... o diabo tece-as. Não se havia de tudo curado a doença politica em alguns dos seus elementos, que, graças a circunstâncias especiais, exerciam no movimento sindical certa preponderância.

Tomaram como verdades indestrutíveis as mentrolas moscovo-comunistas exportadas da Rússia e distribuídas às cabazadas por todo o orbe onde encontraram agentes fiéis para as divulgar, e como quem toma «funo pela nuvem», abraçaram-se à crença da revolução imediata—tal como se fora a uma providencia divina que os povos viesse redimir sem o seu esforço próprio—e el-lo na mais ingloria das campanhas contra tudo que cheirasse a sindicalismo e autonomia.

Houve tal que, tendo ido assistir ao Congresso Comunista, regressou a Beja completamente transformado. Vai para o Sindicato apresentar ideias mal digeridas e ao ver que estas não são desde logo aceites, demite-se de sindicalista e enceta uma campanha feroz—ora contra o sindicato, ora contra os seus militantes. Mas os correligionários chamam-no a capítulo e dizem-lhe: tu não comprehendes bem a resolução do Congresso. Não é nada disso. O que é preciso é conquistar o sindicato para o Partido e isso é fácil desde que ingressem de novo no sindicato e corras com a sorte a fulanos e beltranos. E o nosso homem segue o conselho, que foi tarefa fácil. Prontificou-se a trabalhar no sindicato e, como tal, a entrar na comissão administrativa. Gente fácil e confiada, desconhecendo ideias e artimanhas, foi pelo mesmo conquistado. Ele era quem ditava—e os tais fulanos e beltranos são arredados do sindicato—ainda

O conflito mineiro na América

SWAMPSCOTT, 18.—Pela primeira vez na história americana o governo decidiu intervir directamente no conflito mineiro que está prestes a estalar nos Estados Unidos.

Continuam as negociações entre operários e industriais e no caso de estas não darem resultado a greve reberará no dia 1 de Setembro.

O presidente Coolidge esteve estudando a situação com o secretário da Câmara do Trabalho e um outro representante da mesma Câmara, que farão parte das negociações, tendo resolvido intervir pessoalmente com o fim de evitar a greve.

Tanto do lado operário, como do lado dos industriais a opinião sobre o resultado das negociações é muito pessimista.

Os industriais consentiram num aumento de despesas variando de 15 a 20%, e os operários exigem um aumento de salário de 10%, previsto pelo contrato Jacksonville.

Homenagem a Joaquim da Silva

Em virtude da suspensão de garantias, a sessão de homenagem a Joaquim da Silva que hoje se devia realizar fica transferida para quando se anunciar.

A divisão das terras na Alemanha

DANTZIG, 21.—O Parlamento aprovou na especialidade o projecto de lei agrário que estabelece o parcelamento progressivo durante dez anos das grandes propriedades mediante determinadas indemnizações.

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Adolfo Faria de CASTRO

MARCO POSTAL

Messines.—M. A. Carneiro.—Recebe-mos carta e 80\$50.
Peço Barreto.—M. J. Ramos.—Segue o n.º 2 da revista.
Ponte de Sôr.—M. S. Sardinha.—Recebe-mos 16\$50. Vai a revista para o novo assinante. Entendido quanto à venda de jornais.

Almanil.—M. C.—Diário e suplemento pago até 6 de Agosto e Renovação até 30 de Setembro. De futuro será com regular-se o pagamento de modo a findarem ao mesmo tempo. Sobraram 3\$50 que ficam à conta de futuros pagamentos.

Gaia.—J. P. Lourenço.—Recebe-mos a lista de novos assinantes. É necessário indicar, sempre, as publicações que desejam assinar. Segue a revista como pedem.

Alcides N.º de S. Bento.—M. S. Quaresma.—Recebe-mos e agradecemos o novo assinante para a Renovação.

Evora.—José Baltazar.—Achamos estranho a falta de resposta aos nossos postais.

Pôrto.—S. U. Mobilário.—Segue a revista como pedem.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JULHO

S.	D.	T.	Q.	S.	HOJE O SOL
1	2	3	4	5	11 18 25
6	7	8	9	10	12 19 26
11	12	13	14	15	13 20 27
16	17	18	19	20	14 21 28
21	22	23	24	25	15 22 29
26	27	28	29	30	16 23 30
31	1	2	3	4	17 24 31

MARES DE HOJE
Praiamar às 1,17 e às 1,40
Baixamar às 6,42 e às 7,10

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	97\$00	97\$25
" Madrid, cheque	2691	
" Paris, cheque	895	
" Suíça, cheque	3890	
" Bruxelas, cheque	493	
" New-York, cheque	20800	
" Amsterdã, cheque	8805	
" Jilã, cheque	775	
" Brasil, cheque	2345	
" Praga, cheque	560	
" Suécia, cheque	2382	
" Áustria, cheque	4578	
" Berlim, cheque		

ESPECTÁCULOS

TEATROS

São Luís.—A's 20,30 e 22,30—Surpresas, de Di-vórcio.
Nacional.—A's 21,30—Tio de milhúnia.
Politeama.—A's 21,30—O Leão da Estrela.
Freem.—A's 21,30—O Leão.
Trindade.—A's 21,30—Divina Fúria.
Efém.—A's 21,30—A cidade onde a gente se abor-rece.

Alma Vitória.—A's 20,30 e 22,30—Ritaplas.
Casino de S. Luís.—A's 21,30—Concerto pela can-ça Gonçaves Wix.
Júvenio.—A's 21,30—Ritaplas e A Cidade.
Salto Joy.—A's 20,30—Variedades.
Alvarenga (a Gracia).—A's 20,30—Animatógrafo.
Luzitânia.—A's 20,30—Concerto e A Cidade.

CINEMAS

Olimpo.—Chade Terrace—Salão Central—Cine-ma.
Cendes—Salão Ideal—Salão Lisboa—Sociedade Pro-moção.
Meteora.—Educação Popular—Cine Paris—Cine Li-braria—Chantecler—Eivill—Fortoise.

PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como rodas das a-mecunas, tubos, molinos, chumbeiros de 2 e 3 peças, lampões. Vendem-se no Largo Coude Barão, n.º 55 e quiosque.
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata e a casa que fornece em melhores condi-ções.

FABRICA

de ladrilhos, mosaicos, azulejos, cimento
GOARMON & C.
Travessa do Corpo Santo, 17 a 19
— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

LIMAS NACIONAIS

Só a grande falta de propaganda tem sido a razão para que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras. Visto que as limas nacionais são de melhor qualidade e mais baratas, é uma pena que não sejam mais conhecidas.
— Tourão de Empresa de Limas —
União Tóme Pereira, Ltd., fabricam em preço e qualidade com as melhores do mundo.
Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS
União Tóme Pereira, Ltd., fabricam em preço e qualidade com as melhores do mundo.
Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

LOTARIAS

PARA REVENDEUR
Fornecem as mais baixas preços
Afonso Pereira de Carvalho
Rua do Mundo, 115 — LISBOA

OS MISTÉRIOS DO POVO

isto? — Sim! sim! exclamaram os vereadores presen-tes a esta reunião.
— Sim! sim! repetiram as mil vozes da multidão com um entusiasmo impossível de descrever, unânimes com os nossos irmãos de campo! A sua causa seja a nossa, que a nossa divisa seja também a sua: a bom fim para a gente das cidades, a bom fim para os camponeses!
— Vem, pobre martir! exclamou Marcel com os olhos banhados de lágrimas apertando junto ao peito Guilherme Caillet, não menos comovido que o preboste dos mercadores. Vem! toma por testemunha o céu e estes gritos escapados de tantos corações gene-rosos apiedados pela história das torturas da tua fa-mília...; ela está concluída, neste dia solene, a indis-solúvel aliança de todos os filhos da nossa mãe pátria! Unamo-nos contra o inimigo comum! Artistas, bur-gueses e camponeses, aqui juremos: Todos por um, um por todos e a bom fim a boa causa!
Oh filhos de Joell e Mahiet o Advogado, que es-crevo esta legenda, nunca esquecerei o santo entusias-mo da multidão vendo o preboste dos mercadores vestido com a sua toga magistral, abraçando o servo de mãos asperas e coberto de farrapos! E eu dizia co-migo:
— Eil-a aqui para sempre cimentada, essa aliança tão ardentemente desejada por Fergan nosso avô; essa aliança que só pode assegurar a liberdade da Gália!
Guilherme, profundamente surpreendido e tocado do que via e ouvia, sentiu, apesar da sua rudeza enérgica, que ia a desfalecer e foi obrigado a encos-tar-se ao muro em quanto Marcel exclamava:
— Meus amigos, que todos aqueles que querem le-var a bom fim a boa causa, se achem amanhã de ma-nhã com armas na praça da igreja de Santo Eloy: não vos farei esperar muito tempo e vos darei parte da minha resolução.
— Conta conosco, Marcel! exclamou a multidão; estaremos todos no rendez-vous!
— Seguir-te-emos com os olhos fechados!

OS MISTÉRIOS DO POVO

— Viva Marcel!
— Vivam os camponeses!
— A bom fim! a bom fim!
E a multidão saiu em tumulto da grande sala do convento dos franciscanos.
— Vede, meus amigos, a que ponto este Marcel desconfia deste bom povo de Paris! disse o homem com o gorro forrado a muitos cidadãos que como ele deixavam a sala.
— O que! o que disse ele?
— Como! ele chama em seu socorro os camponeses! os rústicos dos campos! Não seremos bastante valen-tes para fazermos os nossos negócios sem o apoio de Tiago Bonhomme? Na verdade, mestre Marcel nunca nos mostrou mais abertamente todo o desprezo que por nós tem! Ah! mestre João Maillart é mais amigo do povo!
— Viva João Maillart!
O sol estava levantado há muito tempo. O regente, que recentemente tinha vindo habitar a torre do Lou-vre, deixava a cama colocada ao fundo do seu vasto quarto de vigas adornadas de tinturas magníficas; ri-cas peles cobrem o chão. Alguns favoritos têm a in-signe honra de assistir ao levantar deste travesso e dissimulado manco que reina sobre a Gália. Um destes cortejos, o senhor de Norville, cioso do em-prêgo dos servidores do príncipe, ajoelhou a seus pés e calçava-lhe os sapatos de longas pontas recurvadas; enquanto que o regente, sentado na borda da cama, com a cabeça baixa, cuidadoso e pensativo é fazendo, segundo o costume, tornear os polegares, se deixa ma-quinalmente calçar. Hugo, senhor de Confians, mare-chal da Normandia, o ordenador da mutilação e do suplicio de Perin Macé, entreteinha-se em voz baixa no vão de uma janela com Roberto, marechal de Cham-pagne, outro conselheiro do príncipe. Este depois de ter durante algum tempo olhado para os seus polega-

OS MISTÉRIOS DO POVO

res levantou a cabeça, e com sua voz fraca, chamando o marechal da Normandia, disse-lhe:
— Hugo, a que horas se fecha a barragem do Sena, abaixo da galeria que conduz à borda do rio?
— Senhor, a barragem é fechada ao cair do dia. E o marechal ajuntou, com um sorriso sardônico:
— E' a ordem de Marcel!
— De sorte que chegando a noite nenhum barco pode sair de Paris?
— Não, senhor; chegando a noite ninguém pode sair de Paris, nem por água nem por terra; sempre por ordem de Marcel.
— Nesse caso, replicou o regente sem olhar para o seu interlocutor, e depois de ter reflectido alguns ins-tantes, tu procurarás esta manhã um barco; fal-o-hás amarrar na margem fora da barragem a pouca distân-cia da galeria onde acaba a escadilha da torre. Tu e Roberto, ajuntou o regente designando com o gesto o marechal de Champagne, estejam prontos a acompa-nhar-me quando chegar a noite.
Os dois favoritos ficaram um instante mudos de surpresa e depois o marechal exclamou:
— O que, senhor! pensais em deixar Paris de noite e furtivamente? deixareis assim a praça a esse mise-rável Marcel? Com a breca! se esse insolente burguês vos incomoda, segui o conselho que tantas vezes vos tenho dado. Fazei enforcar Marcel e seus colegas como eu fiz enforcar Perrin Macé! Esta execução levantou os parisienses? Não, nenhum desses papalvos rosnou; contentaram-se cobardemente em irem em massa ao funeral do enforcado! Repito-vos, senhor, encarregai-me de vos desembaraçar de Marcel e do seu bando; e tudo acabará.
— Há ainda outros farroupilhas dignos da força, ajuntou o marechal de Champagne, um certo Maillart que não se cala com ditos violentos contra a corte!
— Maillart! disse vivamente o regente fixando em seus cortejos um olhar falso, que não se toque num cabelo da cabeça de Maillart!
— Seja, senhor, respondeu o marechal da Norman-

OS MISTÉRIOS DO POVO

dia muito surpreendido das palavras do príncipe, pou-pai Maillart; mas por Deus! que os outros amotinados dos estados gerais sejam condenados à morte e Marcel o primeiro de todos!
— Hugo — respondeu o príncipe levantando-se para vestir a sotaina que o senhor de Norville se apressou a oferecer ao seu senhor depois de o ter calçado — que o barco esteja, segundo as minhas ordens, pronto para esta noite.
— O que, senhor! exclamou o marechal quasi en-colerizado, não escutais os meus conselhos! tomai cui-dado...; a vossa clemência para esses vis burgueses perder-vos-há!
— A minha clemência! replicou o jovem príncipe lançando sobre o marechal um olhar duma expressão de tal maneira sinistra, que o cortejo compreendendo o pensamento secreto do seu senhor, respondeu:
— Se estais decidido a fazer pronta justiça dessa insolente burguesia, porque tardar tanto, senhor?
— Porque? disse o jovem príncipe abanando ao mesmo tempo a cabeça. Depois, ficando de novo pen-sativo, replicou passados alguns momentos de silen-cio:
— Que esta noite o barco esteja pronto!
Os favoritos do regente conheciam muito a sua te-nacidade indomável e a sua profunda dissimulação para experimentarem obter dele que se explicasse mais claramente; contudo o marechal da Normandia ia de novo retomar a palavra, quando um dos oficiais do pa-lácio entrou e disse:
— Senhor, o senhor de Nointel e o cavaleiro de Chaumont pedem para ser introduzidos para se des-pedirem, favor que ontem lhe concedestes.
O regente tendo feito um sinal de cabeça afirma-tivo, Conrado de Nointel e o seu amigo entraram na câmara real e inclinaram-se respeitosamente diante do príncipe. As fadigas da guerra não tinham alterado em nada a saúde dos dois cavaleiros, que tinham vol-tado da batalha de Poitiers sem a mais ligeira ferida; ambos tinham, entre os primeiros, cobardemente vol-

SOCIEDADE ESTORIL

Horário dos comboios da linha de Cascais desde 24 de Julho de 1925

(Serviço de verão)

Cais do Sodré, P., 1-00, 7-15, 8-35, 9-43, 10-25, 11-15, 12-35, 14-05 (a), 14-15, 16-00, 17-18 (b), 17-30, 18-00 (b), 18-30, 19-05, 19-15, 20-15, 21-10, 23-00; Santos (ap.), P., 7-18, 8-38, 11-18, 14-18, 16-03, 17-33, 19-18, 20-18, 21-12, Alcântara Mar, P., 7-22, 11-22, 16-07, 17-37, 20-22; Belém, P., 7-28, 11-28, 17-43, 19-26, 20-28; Pedrouços, P., 7-32, 11-32, 16-15, 17-47, 19-30, 20-32; Alges, P., 1-14, 7-35, 8-50, 9-57, 11-35, 12-52, 14-30, 16-18, 17-50, 18-44, 19-33, 20-35, 21-25, 23-13; Dafundo (ap.), P., 1-16, 7-37, 11-37, 12-54, 16-29, 17-52, 19-35, 20-37; Cruz Que-brada, P., 1-19, 7-40, 8-54, 10-01, 11-40, 12-57, 14-34, 16-23, 17-55, 18-16 (b), 18-48, 18-58, 20-40, 21-29, 23-17; Caxias, P., 1-23, 7-45, 8-59, 10-06, 11-45, 13-02, 14-39, 16-28, 18-00, 18-21 (b), 18-53, 19-43, 20-45, 21-33, 23-21; Paço de Arcos, P., 1-28, 7-50, 9-04, 10-11, 11-50, 13-07, 14-44, 16-33, 18-05, 18-26 (b), 18-58, 19-48, 20-50, 21-38, 23-26; Santo Amaro (ap.), P., 1-32, 7-55, 9-09, 10-16, 11-55, 13-12, 14-49, 16-38, 18-10, 18-31 (b), 19-03, 19-53, 20-55, 21-42, 23-30; Oeiras, P., 1-34, 7-58, 9-12, 10-19, 11-58, 13-15, 14-52, 16-41, 18-13, 18-34 (b), 19-06, 19-56, 20-58, 21-44, 23-32; Carcavelos, P., 1-38, 8-02, 9-16, 10-23, 12-02, 13-19, 14-56, 16-45, 18-17, 18-18 (b), 19-10, 20-00, 21-02, 21-48, 23-36; Parede, P., 1-41, 8-05, 9-20, 10-27, 12-06, 13-23, 15-00, 16-49, 18-21, 18-42 (b), 19-14, 20-04, 21-06, 21-51, 23-39; Cac. Agua (ap.), P., 1-45, 8-09, 9-23, 10-30, 12-09, 13-26, 15-03, 16-52, 18-24, 18-45 (b), 19-17, 20-07, 21-09, 21-55, 23-43; São João do Estoril (ap.), P., 1-48, 8-13, 9-27, 10-34, 10-58, 12-13, 13-30, 14-38 (a), 15-07, 16-56, 17-51 (b), 18-38, 18-49 (b), 19-21, 19-38, 20-11, 21-13, 21-58, 23-46; Estoril, P., 1-50, 8-16, 9-30, 10-37, 11-01, 12-16, 13-33, 14-41 (b), 15-10, 16-59, 17-54 (b), 18-31, 18-52 (b), 19-24, 19-41, 20-14, 21-16, 22-00, 23-48; Monte Estoril (ap.), P., 1-53, 8-19, 9-33, 10-41, 11-04, 12-19, 13-36, 14-44 (a), 15-13, 17-02, 17-57 (b), 18-34, 18-55 (b), 19-27, 19-44, 20-17, 21-19, 22-03, 23-51; Cascais, P., 1-55, 8-21, 9-35, 10-42, 11-06, 12-21, 13-38, 14-46 (a), 15-15, 17-04, 17-59 (b), 18-36, 18-57 (b), 19-29, 19-46, 20-19, 21-21, 22-05, 23-53; Cascais, P., — 0-30, 5-50, 7-14, 8-20, 9-00, 9-10, 10-00 6-11-02, 11-30, 12-55, 14-15, 15-50, 17-40, 18-19, 19-00, 20-00, 21-40, 23-10; Monte Estoril (ap.), 0-32, 5-53, 7-17, 8-23, 9-03, 9-13, 10-03 6-11-05, 11-33, 12-58, 14-18, 15-53, 17-43, 18-22, 19-03, 20-02, 21-42, 23-12; Estoril, 0-35, 5-56, 7-20, 8-26, 9-06, 9-16, 10-06, 6-11-08, 11-36, 13-01, 14-21, 15-56, 17-46, 18-25, 19-06, 20-05, 21-45, 23-15; São João do Estoril (ap.) 0-38, 6-00, 7-24, 8-30, 9-10, 9-20, 10-10 6-11-12, 11-40, 13-05, 14-25, 16-00, 17-50, 18-29, 19-10, 20-08, 21-48, 23-18; Cai. Agua (Ap.) 0-41, 6-03, 7-27, 8-43, 9-23, 10-13 6-11-15, 13-08, 14-23, 16-03, 17-53, 19-13, 20-11, 21-51, 23-21; Parede, 0-43, 6-07, 7-31, 8-37, 9-27, 10-17 6-11-19, 13-12, 14-32, 16-07, 17-57, 19-17, 20-15, 21-55, 23-25; Carcavelos, 0-48, 6-11, 7-35, 8-41, 9-31, 10-21 6-11-23, 13-16, 14-36, 16-11, 17-51, 19-21, 20-18, 21-58, 23-28; Oeiras, 0-52, 6-15, 7-39, 8-45, 9-35, 10-25 6-11-27, 13-20, 14-40, 16-15, 18-05, 19-25, 20-22, 22-02, 23-32; São João do Estoril (ap.) 0-54, 6-17, 7-41, 8-47, 9-37, 10-27 6-11-29, 13-22, 14-42, 16-17, 18-07, 19-27, 20-24, 22-04, 23-34; Paço de Arcos, 0-58, 6-22, 7-46, 8-52, 9-42, 10-32 6-11-34, 13-27, 14-47, 16-22, 18-12, 19-32, 20-28, 22-08, 23-38; Caxias, 1-02, 6-26, 7-50, 8-56, 9-46, 10-36 6-11-38, 13-31, 14-51, 16-26, 18-16, 19-36, 20-32, 22-02, 23-42; Cruz Quebrada, 1-06, 6-31, 7-55, 9-01, 9-51, 10-41 6-11-43, 13-36, 14-56, 16-31, 18-21, 19-41, 20-36, 22-16, 23-46; Dafundo (Ap.) 6-34, 7-58, 9-04, 9-54, 10-44, 18-24, 20-39; Alges, 1-10, 6-37, 8-01, 9-07, 9-57, 10-46 6-13-41, 16-37, 18-27, 19-46, 20-41, 22-20, 23-50; Pedrouços, 6-39, 8-03, 9-04, 10-42, 16-44, 18-34; Alcântara Mar, 6-49, 8-13, 9-19, 16-49, 18-39; Santos (Ap.) 1-23, 6-54, 8-18, 9-24, 16-54, 18-44, 19-58; Cais do Sodré, C., 1-25, 6-56, 8-24, 9-26, 9-41, 10-10, 10-59 6-11-59, 12-11, 13-54, 15-12, 16-50, 18-46, 19-00, 20-00, 20-55, 22-23, 0-03.
a) Só se efectua aos domingos e dias feriados.
b) Não se efectua aos domingos e dias feriados.

MADEIRAS DO BRASIL

AS MAIS BARATAS

ADRIANO TELES, LTD.—Largo de São Domingos, 12

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do mundo. Um milheiro, 2\$50. Por quilo, grandes quantidades. Lojeiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boa metalurgia, d'uma 22\$3, tubos fechados e abertos, lampões, bocas, moais, rodas d'aua e moinhos. Pedidos ao unico representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, — Rua Andrade, 46, 2.º — LISBOA.

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de côr, para marcenaria, serradas em todas as grossuras. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglesinhos, 50 — LISBOA

Pedras para isqueiros

nos quitos, aos milheiros e aos centos. Tubos, rodas, pipes, fundos e moais de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Vende em grandes quantidades aos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros (qualidade garantida) DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS Rua do Arsenal, n.º 83 — Lisboa

Serviço de livraria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 56 páginas..... 6\$00

Tradução do original polaco de Nierowski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume..... 5\$00

Selos de propaganda esperantista. Muito artisticos, a oito côres e oito motivos, os nossos principais monumentos, altamente im-pressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhof com legenda em português e esperanto.... 2\$50

Solo de Flauto. Monólogo de Paul Billand, tra-dução de Fernando Doré. 1 vo-lume de 12 páginas..... 1\$75

Stranga Heredado. Mais um original de Luyken, o feliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconsel-hado pela critica, 1 volume.... 1\$900

Vade Mecum de Internacia Farmacio Por C. Rousseau. 1 volume de 288 páginas..... 30\$00

Vintraj Fabeloj De diversos autores, recomendado pela Esperanta Literatura Asocio La Vangtrapo Comedia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sar, 1 volume de 52 páginas..... 4\$00

Vivo de Zamenhof A vida do autor da lingua, com ex-celentes gravuras, edição de In-xo, 1 volume de 109 páginas.... 26\$50

Vojago Interne de Mia Cambro Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer, 1 volume..... 4\$00

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo

Valério, Lopes & Ferreira, L.º

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metal, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafusos, fun-dos para cadeiras, — guarnições para móveis —

Chapa ferro preta e zincada

Chapa de zinco, latão e cobre, antimonio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferador, serras circulares e de fita, etc.

24, R. DO IMPAR, 86 — LISBOA — TELEFONE 3930, N. gramas, FERRAGENS

MADEIRAS DO BRASIL

AS MAIS BARATAS

ADRIANO TELES, LTD.—Largo de São Domingos, 12

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do mundo. Um milheiro, 2\$50. Por quilo, grandes quantidades. Lojeiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boa metalurgia, d'uma 22\$3, tubos fechados e abertos, lampões, bocas, moais, rodas d'aua e moinhos. Pedidos ao unico representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, — Rua Andrade, 46, 2.º — LISBOA.

MADEIRAS

Nacionais e estrangeiras, de côr, para marcenaria, serradas em todas as grossuras. MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Sabino da Silva

Largo dos Inglesinhos, 50 — LISBOA

Pedras para isqueiros

nos quitos, aos milheiros e aos centos. Tubos, rodas, pipes, fundos e moais de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Vende em grandes quantidades aos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros (qualidade garantida) DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS Rua do Arsenal, n.º 83 — Lisboa

Serviço de livraria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Mérimée, tradução de Sam. Meyer, 1 volume de 56 páginas..... 6\$00

Tradução do original polaco de Nierowski por B. Kuhl, com um prefácio de Antoni Grabowski, 1 volume..... 5\$00

Selos de propaganda esperantista. Muito artisticos, a oito côres e oito motivos, os nossos principais monumentos, altamente im-pressos. Cada coleção de oito Colados em album com o retrato de Zamenhof com legenda em português e esperanto.... 2\$50

Solo de Flauto. Monólogo de Paul Billand, tra-dução de Fernando Doré. 1 vo-lume de 12 páginas..... 1\$75

Stranga Heredado. Mais um original de Luyken, o feliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconsel-hado pela critica, 1 volume.... 1\$900

Vade Mecum de Internacia Farmacio Por C. Rousseau. 1 volume de 288 páginas..... 30\$00

Vintraj Fabeloj De diversos autores, recomendado pela Esperanta Literatura Asocio La Vangtrapo Comedia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sar, 1 volume de 52 páginas..... 4\$00

Vivo de Zamenhof A vida do autor da lingua, com ex-celentes gravuras, edição de In-xo, 1 volume de 109 páginas.... 26\$50

Vojago Interne de Mia Cambro Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer, 1 volume..... 4\$00

LER E ASSINAR

Os Mistérios do Povo



Considerações oportunas sobre uma classe feitas por um seu componente

Há coisas que, sem estarem fora do alcance da nossa míngua preparação, nós confessamos que as não entendemos, mas havemos de as ir trazendo a estas colunas, agradecendo desde que nos as explique quem poder e souber. Porque é que dois indivíduos, querendo atingir ambos o mesmo fim, e encarando de modo diverso os meios a empregar, mas confessando que igualmente o devem atingir, em lugar de procurarem encurtar-lhe a distância, e cada um por sua vez vencê-la, um se entretém a obstruir o caminho do outro, perdendo tempo os dois?

Esta pergunta fi-la eu ao meu garoto, que tem 9 anos e ele respondeu-me:

—Porque um e outro são teimosos. Achei acertada a resposta, mas não me satisfez, porque não considero tais os elementos das duas correntes que se manifestam desde há tempos, nas várias associações dos empregados no comércio.

Não compreendemos que se desajudem aqueles que, integrando-se na realização duma obra comum, se estão em desacordo numa pequena questão de detalhe, que os não impede de agir independentemente na sua execução.

Vejam: — Os comunistas entendem, e nós achamos bem, que o *sindicato* deve ser na futura sociedade a base de toda a organização partindo dele para a *federação* e *confederação*, esta a cúpula do edifício.

Querem as classes sindicalmente organizadas. O mesmo querem os sindicalistas. Parece, pois, que o desacordo não está na forma de ser, mas sim nos meios a empregar para fazer a revolução que vai atingir o fim exposto.

Os sindicalistas acham que os trabalhadores não devem distrair-se do *sindicato* para se lançarem no campo político, porque isso iria importar num recuo de que resultaria, ao dar-se a revolução, ir afogá-la nos moldes burgueses actuais, quanto à forma de produção e distribuição e administração da justiça, etc., criando "elites" improdutivas, dirigentes apaixonados e toda uma multidão de funcionários inúteis, senão prejudiciais a uma livre porque queremos a nova organização.

Os comunistas entendem que tal não se dará, e que simplesmente o ponto de vista sindicalista faz retardar o advento da revolução, que eles querem imediata, e por isso optam pela conquista do poder, desde já, e com ele precipitam as massas na marcha para aquela finalidade.

Mas está bem.

Como as massas organizadas são uma minoria, em face da grande população trabalhadora e não trabalhadora, tão grande que, da parte não organizada e mesmo da minoria organizada a que está de acordo com esses meios, se pode retirar um bom número, que a vontade lhes dá para conquistar o poder, porque é que não agem aparte das camadas sindicalistas organizadas, discordantes, e encetam, com essa falange nova, o seu movimento de conquista, deixando aos outros a continuação do trabalho, que mais tarde muito mais lhes custaria a realizar?

Porque é que, reconhecendo-se a necessidade do *sindicato* forte e aguerido para tomar o seu lugar após a revolução, se anda agora a enfraquecê-lo com seções que a ninguém aproveitam?

Era a estas perguntas, talvez ingenuas ou filhas da nossa ingenuidade, que nós, simples soldados da grande causa universal e humana, gostávamos que nos respondessem serenamente todos quantos andavam empenhados nessa luta inglória, não só dentro da nossa classe como na organização em geral.

Uma triste resposta para nós o que vimos assistindo, e pelo que amedrontamos os outros, que somos iguais a eles, dadas as circunstâncias que eles estão, como nós a presenciando todos os dias, que bem parece que é uma intuição do que vai em todos os campos políticos e de força cá se dá.

E perdemos assim a força moral que nos vinha dignificando, e tornando superiores os nossos processos e desejos, que criavam admiradores mesmo entre os nossos adversários naturais.

Jorge CAMPELO

Congresso Constitutivo da Federação da Indústria Têxtil

Uma circular da Secção de Federações aos sindicatos têxteis

De harmonia com as resoluções da Conferência dos Secretários Gerais das Federações de Indústria, a Secção de Federações da Confederação Geral do Trabalho enviou há dias aos sindicatos operários da indústria têxtil a circular que a seguir reproduzimos:

Presados camaradas: — A Conferência dos Secretários Gerais das Federações de Indústria, realizada o ano passado em fins de Abril, resolveu que a C. G. T., por intermédio da sua Secção de Federações, levasse a efeito os trabalhos necessários à constituição da Federação dos Operários da Indústria Têxtil.

Para dar cumprimento a esta deliberação tem a dita Secção enviado todos os esforços. Contudo, mau grado nossos, essas deliberações ainda não surtiram os desejados efeitos. Mas constatando-se a necessidade, cada vez maior, de os operários criarem a sua Federação, organismo que a maioria das classes operárias possuem — não se compreende que sendo a classe têxtil tão importante o não possuía também — a Secção de Federações, reunida ultimamente encarregou o seu Secretariado de efectuar os trabalhos convenientes para a constituição da Federação Têxtil.

E no desempenho desta missão que nos dirigimos aos camaradas, convencidos de que mais do que nós reconhecem a conveniência na criação da federação, para nos auxiliarem nesta tarefa.

Encarecei, aqui, o papel que a federação, têxtil pode vir a exercer na vida da indústria e do país, a arma admirável que ela é para os operários têxteis defenderem os seus interesses, figura-se-nos indispensável, pois, a seu tempo, por delegados próprios se expõem esse valor. Por agora queremos obter uma pronta resposta às pergun-

CARTA DO PORTO Na Companhia dos Telefones

Torpezas de um engenheiro inglês... em país conquistado

A imprensa diária desta cidade, ou melhor: *O Primeiro de Janeiro* tem publicado várias reclamações, bordadas dos respectivos comentários, feitas por diversos assinantes da omnipotente e britânica Companhia dos telefones. O seu serviço está reputado péssimo e caríssimo...

Ora já que o clamor dos assinantes, que integralmente cumprem o seu dever de pagamento, se levanta, com toda a razão, contra a usura e a pouco cuidado duma Companhia que não respeita a risca os direitos dos contribuintes — achamos legítimo também juntar-lhe o queixume amargo do pessoal telefonista, que está sendo vítima da rapacidade e indolência maldosa dum engenheiro sem estrépsulos.

Principiemos por este caso simples, mas que excelentemente revela a cupidez do cidadão engenheiro e o seu muito desprezo pelos interesses do público que lhe paga a inexorável e caríssima assinatura imposta pelas exigências somáticas da empresa a inglesa...

O rondante de cabos cortou-se um certo dia, numa destas horas de azar que costumam surgir a toda a gente, num vidro. E certo que fora fora das horas de serviço, mas nem por isso deixou de ser um desastre que impossibilitou o rondante de trabalhar por algum tempo.

O sinistrado comunicou, como é da praxe, esta ocorrência para o anglo-saxónico engenheiro da Companhia dos telefones. Mas este, que refinou em cercar as regalias a todo o pessoal, excusou-se piratamente em que o desastre não se dera no trabalho, e, portanto, não pagou ao ferido conforme era obrigado pelas regalias que lhe são concedidas.

A pirataria, porém, do «camónico» engenheiro foi mais longe: mal o referido cabo rondante estava curado, despediu-o sem mais trêpsulos nem guarde.

A razão não compreende-la os nossos leitores: o despedido estúpida e arbitrariamente auferia 21800 diários; o engenheiro substituiu-o por uma criatura sem prática, mas que ficou a ganhar apenas 17400...

Destarte, os serviços inferiorizam-se em manifestos prejuízos dos assinantes, mas a empresa dos telefones lucra com o escamoteio feito nos ordenados, despedindo, abruptamente, pessoal prático, para colocar nos serviços de responsabilidade gente inexperiente...

Dai os constantes protestos dos assinantes...

Ocorre-nos, porém, perguntar: se o engenheiro, fora do seu consultório «servil» partisse a cabeça em casa de encontro a um armário ou estorpecasse um pé a brincar com os filhos, de forma a estar uns dias de cama, também não receberia a sua choruda mensalidade?

E depois de ouvido, e demitido-se a si próprio? São muito interessantes estes ingleses... em Portugal...

tas abaixo porque elas constituem a base de todo o trabalho.

a) — Concordam com a criação da federação, e que desde já se façam todos os possíveis para que ela se constitua dentro em pouco?

b) — Em que data vos parece conveniente que se realize a reunião de representantes das associações têxteis para a fundação da federação e qual a localidade mais central?

c) Qual o número dos sócios dessa Associação, de cada sexo, e de todos os operários e operárias que trabalham na localidade, e as qualidades predominantes do artigo que fabricam?

d) Existe alguma localidade próxima ou distante, onde haja a indústria têxtil em que os operários não estejam associados? E será fácil associar esses trabalhadores?

Guardando a vossa resposta breve vos enviaremos Saudações Sindicatistas.

Pela Secção de Federações da C. G. T., o secretário, *Artur Cardoso*.

O Sindicato do Porto, respondendo à circular, comunicou à Secção de Federações que já tinha nomeado, com o mesmo fim, uma comissão, que ficaria ao dispor da comissão da Secção referida para a propaganda no norte.

Espera o secretariado da Secção de Federações que os outros organismos respondam com brevidade a fim de poder realizar dentro em breve o congresso da indústria.

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

INTERESSES DE CLASSE Exploração do Porto de Lisboa

Ainda não foram atendidas as reclamações há 13 meses formuladas

A comissão de melhoramentos do pessoal assalariado encontra-se profundamente desgostosa com a atitude do administrador daquele estabelecimento, sr. Rodrigues Gaspar, pois que tendo procurado entrevistar-se com ele no passado dia 11 do corrente, para saber resposta de várias reclamações, entre outras a de aumento de salário, reclamações estas apresentadas pela classe há 13 meses, aquele senhor mandou dizer que no dia 18 daria uma resposta, o que não aconteceu, visto que não recebeu a referida comissão.

Volto esta novamente a procurá-lo no dia 20, mais uma vez passou pelo desgosto de não ser recebida. E está a consideração que se tem pelos que há mais de vinte anos trabalham nesta casa do Estado. — *A Comissão*

JÁ SAIU A 7.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até a revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6\$00.

A obra mais barata que no género se publica

A Companhia dos Telefones, ou seja o apontado engenheiro, há muito que sonha com a depressão dos salários. Mas como essa suspirada baixa implica com o respectivo abatimento do preço das caríssimas assinaturas, o finório do engenheiro, que anda sempre a matular na forma mais viável de *cravar* o pessoal e os assinantes — engendrou este aviltante processo: ao mínimo pretexto, à mais insignificante deixa, ele transfere, na sua dracônica ordem de serviço, quase uma caserneira ordem do exercício, operários de 1.ª classe para 2.ª, de 2.ª para 3.ª e de 3.ª para serventes...

E o caso mais revoltante, que brada aos céus, que reclama um condigno protesto, é que esses transferidos de «posto» têm de desempenhar precisamente os mesmos serviços e arcar exactamente com as mesmas responsabilidades...

Aqui nota-se simplesmente esta corária espreiteira: roubar, habilitadamente, aos salários dos escravos da Companhia dos Telefones, isto é, do rápaco engenheiro que vai, a seu alvedrio, anulando, uma a uma, todas as vantagens concedidas pela Companhia.

Ora já está uma maneira sofisticada de se abater aos ordenados, sem que as tarifas telefónicas sofram, por linha directa, a consequente redução...

As tropelias do raivoso engenheiro têm, depois do movimento do pessoal telefónico em Outubro do ano findo, subido de volume. Senão vejamos: a Companhia dos Telefones, mercê dum contrato assinado com o pessoal, é obrigada a pagar-lhe quando doente: ao que percebe mensalmente, o vencimento por inteiro e ao que recebe por semana, metade do seu salário. Pois o engenheiro, que entrou nas ruas da pilhagem, agora paga a seu belo prazer e, para que totalmente não se esfarrape o mencionado contrato com o enlameado rácão das ruas tiranizadas butifarras, com *rarisimas* excepções...

E sempre subindo de ponto, o engenheiro, implacavelmente empedernido, cruelmente impiedoso, despediu imediatamente uma telefonista, por este grandiosíssimo crime: por ter adoecido, dado comunicação deste facto e o próprio médico da Companhia lhe-tre dando vinte dias para indispensável tratamento!... Coitado! não podia esperar que a escravidão se restabelecesse.

O pessoal fica, pois, habilitado a, quando o engenheiro adoece por vinte dias, corré-lo energeticamente no momento que tentar regressar aos estabelecimentos da Companhia, depois de curado...

Há muitas mais arbitrariedades. Mas fica para outra vez.

O que é de pena lamentar é que o pessoal tão pusilanimemente suporte semelhantes torpezas, semelhantes afrontas...

Porto. — 20-7-25.

C. V. S.

AS GREVES Condutores de Carroças

O patronato vai concedendo o que se reclamou

Camaradas! A comissão de *démarches* registou ontem mais as adesões dos proprietários que se guem, e que vieram ao sindicato com a documentação da lei, segundo a qual se comprometeram a respeitar o horário de 8 horas: Manuel José Valinhos Júnior; Segismundo da Câmara, Lda.; Duarte & Correia, Lda.; Santos & Silva; António dos Santos; Santarém; Ernesto & Garção; Raúl Galamas; Manuel Alberto Vieira, Viúva & Filhos; Firmino Benites Lopes; Mário Ribeiro; Firmo Joaquim; J. Baptista Ribeiro; Augusto Dias; M. Tavares de Lemos; Fortes Casanova; Alves & Calçado; José Dionísio Nobre; António Moreira Rato & Filhos, Lda.

Além destas mais 237 adesões existem em nosso poder, mas é preciso que a classe não descure o cumprimento dessa regalia, pois se assim não for os patrões também se não importarão com ela.

Nada de receios em pedir o que vos pertence, e quando algum proprietário pense em fugir ao compromisso tomado, não terão os condutores mais que participá-lo à autoridade que mais próximo encontrarem, segundo o regulamento estatui, ou ao delegado da nossa associação.

Camaradas em luta! A comissão do vosso sindicato aconselha-vos a manterdes a altiva atitude até aqui tomada, pois os proprietários que ainda não atenderam as nossas reclamações, não tardarão muito em atendê-las, conforme já vem acontecendo a tantos, pois eles não podem negar aquilo a que a lei os obriga. — *A comissão administrativa*

Secção do Poço do Bispo

Esta secção comunica aos condutores da sua área a adesão às nossas reclamações da casa Nova Sociedade Vinícola, Lda., encontrando-se ainda em luta o pessoal das casas: Manuel Santos Vilar; Luís Ribeiro; Gonçalo; Abel Pereira da Fonseca; Jorge de Carvalho; Carmindo; Companhia Nacional de Alimentação e José Domingos Barreiro.

Esta secção lembra aos condutores em luta que não devem retomar o trabalho sem que os proprietários tomem o compromisso de cumprir o horário de trabalho. — *A comissão administrativa*

Uma rectificação

Não é o *chamfeur* da casa Luís Ribeiro, como ontem dissemos, mas o próprio patrão, que anda com carroças na praça. — *A comissão*

SOLIDARIEDADE

Pró-Júlio da Anunciação

Comunica-nos Júlio da Anunciação, preso na esquadra do Caminho Novo, ter recebido 47\$00, produto de uma quete aberta em seu favor entre os descarreadores do Seixal.

A Marinha Mercante e os seus inimigos

Não fala o autor destas linhas, ele cede a palavra aos factos consumados.

Reconhecemos as primeiras potências mercantes: a Inglaterra, a América, a França, a Holanda, a Noruega, a Suécia, a Dinamarca e a Bélgica, a absoluta necessidade, para progresso das suas marinhas mercantes, de a entregarem nas mãos dos verdadeiros técnicos, únicos capazes de a orientar e dirigir com verdadeiro critério comercial, técnico e profissional.

E para que tal objectivo alcançasse o verdadeiro fim, foram criadas, sob a dependência do respectivo ministério do Comércio, repartições autónomas compostas por elementos civis da marinha do comércio, aos quais a longa experiência dava toda a competência e autoridade para bem dirigir uma das células mais importantes da economia dos referidos países.

E assim aqueles países de há longo tempo vêm progredindo a passos agigantados no comércio marítimo, sob a direcção dos marinheiros civis anexos ao ministério do Comércio. Nós, os portugueses, que temos a pretensão de ter no mar o nosso futuro, (o que de facto poderia suceder), sob a alçada do ministério da Marinha, nada mais temos conseguido do que estacionar, talvez até retrogradar.

Sem necessitar de forte argumentação, os factos respondem por nós. Sem grande esforço de análise, podemos comparar as marinhas mercantes, dos países citados com a nossa e teremos assim ocasião de ver a considerável diferença dos seus progressos, mercê da sua orientação.

Devemos concordar em que um bom oficial da marinha de guerra, não possuindo, como não possui, a experiência da marinha do comércio, nunca lhe poderá insuflar o poder de desenvolvimento como aqueles que a conhecem pela experiência de dezenas de anos.

Devemos convir sobretudo que as missões e objectivos das duas marinhas de guerra e do comércio diferem em absoluto.

Se em Portugal se quizer dar à marinha do comércio o desenvolvimento que ela já há muito devia ter, devem as entidades competentes seguir quanto antes o critério dos países, cuja marinha mercante depende exclusivamente do ministério do Comércio, dirigidas por entidades civis da marinha mercante, única maneira de fazer progredir.

Em Inglaterra, na América, França, etc., todos os serviços de docas, cais e pilotagem, são da competência de secções autónomas, dependentes do ministério do Comércio mas compostas totalmente por elementos civis.

Em Portugal todos aqueles serviços estão sob a alçada do ministério da Marinha com evidente prejuízo para todos.

E que os assuntos referentes à marinha mercante são duma tal complexidade, que não podem com êxito, ser dirigidos só pela teoria.

Ainda não há muito tempo, o penúltimo governador de Macau foi demitido pelo ministro das Colónias, conde de Paço de Arcos, por ter tentado, duma maneira lógica e criteriosa, dar ao porto de Macau a orientação administrativa dos grandes portos de todo o mundo, da natureza daquele.

O conde de Paço de Arcos, talvez assustado por ver que não podia meter à frente da administração daquele porto nenhum colega seu, moveu guerra ao governador até o demitir.

E depois, qual foi a sua primeira medida? Fazer dum seu colega, que já era capitão do porto e professor da Escola Náutica, director do porto de Macau, e ao que consta com um ordenado de 60.000\$00 mensais.

E assim que constantemente a marinha de guerra vai invadindo atribuições da marinha mercante, prejudicando-lhe o seu desenvolvimento.

A marinha mercante, porém, não deve consentir que tal medida se torne efectiva, para o que deverá manifestar às entidades respectivas o seu mais veemente protesto, por esta invasão de atribuições.

Com a orientação seguida até hoje em Portugal nos serviços directivos das repartições de que depende a marinha mercante, não tardará que esta desapareça por completo.

Continuaremos a fazer o confronto do que são as repartições que superintendem a marinha mercante portueja, comparadas às dos países que possuem progredir.

J. A. SANTANA

HORARIO DE COMBOIOS

Chamamos a atenção dos nossos leitores para o novo horário da linha de Cascais que publicamos na nossa 3.ª página.

Em defesa própria

Escreve-nos o operário descarregador de mar e terra José Maria da Cruz, preso há 59 dias no governo civil, pedindo-nos que tornemos público que é absolutamente calvosa a acusação que lhe fazem de ser ele o responsável pela prisão de alguns operários que se encontram na esquadra do Caminho Novo, como o podem provar vários operários que com ele estão presos.

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 11 desta revista intitulada *«El Hijo de Nadie»*, de *Frederico Urales*. — Preço, \$50. — Pedidos à administração de *A Batalha*.

HORARIO DE TRABALHO

Um administrador exemplar

MUGE, 19. — A casa Cadaval traz ao serviço nas herdades que possui nesta localidade vários operários a quem pagava 12\$00 e 14\$50 de jorna. O administrador da mesma casa, em virtude de alguns daqueles trabalhadores reclamarem o cumprimento das 8 horas de trabalho, por espírito de *«révanche»*, resolveu diminuir-lhe para 9\$50 os ordenados. Os que se conformaram com a tração ao horário estão nas boas graças do sr. administrador, e por esse motivo não lhes foi diminuído o ordenado.

Como se deve sentir orgulhoso este cavalheiro por possuir ao seu serviço operário que ainda se presta a estes papéis. — E.

PROPAGANDA SINDICAL

Os ferroviários da Beira Alta tomam importantes resoluções

FIGUEIRA DA FOZ, 20. — No dia 17 reuniram, na Associação dos Carpinteiros Civis Figueirense, os ferroviários da Beira Alta para tratar da sua situação económica, do horário de trabalho e das perseguições.

Aberta a sessão, Manuel Henriques Rijo, delegado da Federação Ferroviária, demonstrou o valor da Associação e Federação, dizendo que os ferroviários só não conseguiram modificar a sua situação se não o quizerem. Critica severamente a atitude da Companhia por não ter até hoje cumprido a lei do horário de trabalho, obrigando o pessoal a trabalhar 14 horas consecutivas pagando-lhe apenas 2 horas a dobrar pelo vencimento fixo. Referindo-se às perseguições afirma que elas são filhas da pouca energia que o pessoal demonstrou ao ser demitido o presidente da direcção do seu sindicato, pois em vez de se revoltar se amedrontou. Está convencido, no entanto, de que esse receio já desapareceu, e a demonstração está a enorme concorrência a esta assembleia. Diz ainda que os ferroviários do país atravessam uma situação económica precária, sendo a dos da Beira Alta miserável.

Depois de outros ferroviários fazerem uso da palavra, são aprovadas por unanimidade as duas moções. A referente à situação económica conclui assim:

1.ª Reclamar da Companhia uma melhoria de situação económica, de harmonia com o custo da vida.

2.ª Reclamar a abolição do pagamento da renda de casas aos empregados que habitam em casas da Companhia e ao restante pessoal que lhe seja concedido um subsídio para renda das mesmas, a exemplo de outras linhas.

3.ª Entregar o assunto à Federação para a mesma tratar com o ministro do Comércio e Conselho de Administração da Companhia, a fim de conseguir a satisfação dos desejos do pessoal.

Resolve mais dar todo o seu apoio moral e material à Associação e Federação Ferroviária, e enviar cópia da presente ao governo e companhia.

A moção sobre horário de trabalho termina assim:

1.ª Reclamar da Companhia o integral cumprimento da lei das 8 horas de trabalho.

2.ª Que as horas que o pessoal tenha que fazer além das 8, por necessidade do serviço, lhe sejam pagas pagas pela importância total que percebem.

Um documento que dizia respeito às perseguições tinha as seguintes conclusões:

1.ª Reclamar da Companhia e governo a reintegração de todos os camaradas demitidos sem motivo justificado.

2.ª Protestar contra os castigos aplicados a empregados com um vencimento irrisório, sofrendo muitas superiores a cem escudos, atenuando por esse facto a miséria nos seus lares.

Foi também aprovada uma proposta no sentido de os fiscais do horário de trabalho serem enviados telegramas ao Conselho de Administração da Companhia e director da fiscalização do governo.

Os trabalhos foram entregues à Federação para ela tratar junto das entidades competentes.

Os ferroviários da Pampilhosa ocupam-se da sua situação

No dia 18 reuniram na sede da sua associação os ferroviários da Pampilhosa que aprovaram por unanimidade todas as resoluções tomadas na reunião da Figueira.

A esta reunião também assistiu grande número de pessoal demonstrando assim que está descontente com o procedimento da Companhia, encontrando-se disposto a reagir para consequimento das suas justas reclamações.

Estas duas reuniões dos ferroviários da Beira Alta é a desilusão completa de todos quantos diziam que os mesmos se encontravam desorganizados e para a Companhia uma prova de que com as suas violências não conseguiu os seus fins. — E.

CONFERÊNCIAS

A tomada da Bastilha

Na sede do Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto efectuou-se, na terça-feira passada, uma conferência comemorativa da tomada da Bastilha.

Foi conferente o conhecido militante operário Costa Carvalho, que largamente dissertou sobre a gloriosa jornada que o povo de Paris levou a efeito em 14 de Julho de 1789.

Afirmou-se que nas condições em que naquela data foi tomada a Bastilha não seria possível hoje fazer-se. A Bastilha reína e sintetizava toda a tirania da época, do feudalismo.

Depois de descrever alguns quadros, desenrolados durante a Revolução Francesa, revolução essa que foi como que um farol luminoso que se estendeu a todos os cantos do globo, aproveitou o ensejo para recordar os crimes hediondos praticados no Eden-Teatro por ocasião da insurreição monárquica no norte.

Comparou a acção revolucionária desenvolvida pelo povo português contra a «traição» do Eden com a do povo de Paris contra a cidadela-prisão de Launey, afirmando que esse gesto foi animado pelo mesmo espírito psicológico de libertação.

Descreveu, em seguida, o que são as casas dos inválidos criadas pela igreja, citando algumas tácticas adoptadas pelos jesuítas. Demonstrando qual o fim que levou o povo de Paris a pegar em armas, terminou por incitar os presentes a que tirem as necessárias ilacções daqueles exemplos tão grandiosos.

Um membro da Comissão Administrativa do Núcleo lembrou a necessidade de se efectuarem, amidiadas vezes, conferências daquela natureza, lamentando, contudo, que o povo trabalhador não correspondesse devidamente aos convites do Núcleo.

IMPRENSA

Alma Feminina

Recebemos os dois últimos números desta revista, de que é directora a médica D. Adelaide Cabete. Apresenta-se com um belo aspecto gráfico e publica interessantes artigos sobre feminismo, educação, higiene e amamentação das crianças, etc.

Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne, hoje pelas 20 horas.

C. S. T. L.

A comissão instaladora da Câmara Sindical do Trabalho convida a comissão administrativa do Sindicato dos Manipuladores de Pão a comparecer hoje, pelas 21 horas, na Calçada do Combro, 38-A, 2.ª, a fim de explicar o incidente que se vem dando no seu seio. A mesma comissão espera também a comparencia dum delegado do grupo de militantes da classe.

COMUNICAÇÕES

Federação do Livro e do Jornal. — Reúne o Conselho Confederal representando os seguintes organismos: Conselho Inter-Federal, Compositores e Impressores Tipográficos, Encadernadores e Anexos, Fabricantes de Papel de Tomar e da Abelheira.

Apreciada a situação do Sindicato dos Trabalhadores de Imprensa dentro deste organismo, foi resolvido dar poderes ao secretariado para junto da direcção do referido organismo procurar regularizar essa situação.

O secretário da comissão organizadora do Congresso aprecia vários factos que ao mesmo dia respectivo, em virtude do que é resolvido convocar as direcções dos sindicatos para uma reunião em conjunto.

Resolve também oficial à Liga dos Vendedores de Jornais, a fim de se encaetarem trabalhos tendentes à adesão a este organismo e nomeou o camarada António Coscico como delegado à sessão póstuma no Sindicato Unico Metalúrgico.

Caixeiros. — A assembleia geral extraordinária convocada para o dia 23 do corrente, fica transferida para quando as reuniões de carácter associativo se possam realizar.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE:

Marinheiros e Moços da Marinha Mercante. — Pelas 18 horas, os corpos gerentes. Os membros da comissão administrativa não devem faltar a esta reunião.

S. U. da Construção Civil. — Comissão escolar. — Pelas 20 horas.

Operários Cerâmicos. — Para efeito de organização pelas 20 horas, na Secção de Palma.

Impressores Tipográficos. — A direcção, às 18 horas.

União dos Empregados Barbeiros. — A assembleia geral, pelas 21 horas, para discutir a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Horário de trabalho.

2.º Relatório do conselho de administração de «O Barbeiro Livre».

DIAS PRÓXIMOS:

Compositores Tipográficos. — Em assembleia geral extraordinária reúne na quinta-feira pelas 18 horas para se pronunciar sobre o seguinte:</